

Carta da América

Peter Calvet

Se o mundo pensa que o facto de o Partido Democrata ter conquistado o Congresso nas eleições deste Outono leva a uma repentina viragem à esquerda dos Estados Unidos, é melhor pensar duas vezes.

O repúdio da política iraquiana de Bush tem duas componentes essenciais. A primeira, e mais palpável, é composta pelas pessoas que são contra a guerra, e que já o são há algum tempo. Este grupo ainda é, basicamente, o mesmo que apoiou os esforços frustrados do Senador Kerry na corrida à Presidência. Situa-se entre os 45 e os 49% do eleitorado e tem-se mantido relativamente estável.

O que mudou radicalmente é que, entre os que concordaram com as premissas de George Bush para invadir o Iraque, existe uma cada vez maior consciencialização de que se trata de uma guerra impossível de ganhar, especialmente perante os ambiciosos objectivos que a Administração traçou. A consolidação de uma democracia parlamentar, a eliminação do «terrorismo» e muitos outros objectivos parecem agora fora só concretizáveis no período de uma geração.

Este novo grupo de eleitores é de certa forma representado pelo Senador John McCain, o verdadeiro herdeiro do conservadorismo de Goldwater, sem pareências com o neo-conservadorismo ou com outros conservadorismos quasi-espirituais que tanta popularidade têm actualmente.

Foi o candidato presidencial Barry Goldwater que, em 1964, cometeu o infeliz erro de apontar as armas nucleares tácticas como necessárias para a vitória no conflito vietnamita. Nessa época, o Presidente Johnson evocou, de forma inteligente, o holocausto nuclear, como forma de derrotar Goldwater. Mas o que este, na verdade, estava a dizer era que ou se ganhava a guerra claramente ou se saía do Vietname.

McCain, à sua forma, está basicamente a dizer o mesmo sobre o Iraque. Ou se opta pela presença maciça de tropas e se esmaga o inimigo ou então trazem-se os soldados de volta para casa. E como George Bush tem afirmado sistematicamente que os Estados Unidos estão no caminho certo, a opinião pública que subscreve a filosofia de McCain virou-se contra Bush, levando o Partido Republicano a sofrer uma derrota.

A utilização da força esmagadora para ganhar no Iraque também tem os seus adeptos nas Forças Armadas. Assim, existe actualmente uma divisão no meio militar em relação aos próximos passos a dar. Sejam eles quais forem, a paciência dos eleitores americanos chegou, finalmente, ao limite, e existe um acordo curioso entre a esquerda e a direita sobre a necessidade de sair do Iraque, mesmo que as razões apontadas não sejam coincidentes. A esquerda continua a afirmar que a guerra se baseou em falsas premissas e era desnecessária, enquanto a direita argumenta agora que Bush e a sua *entourage* demonstraram ser guerreiros incompetentes, pelo que a América não deve perder mais tempo com uma empreitada que não está a ir para lado nenhum.

Neste quadro, onde fica Bush? Declarou publicamente que está decidido a vencer, mesmo que só tenha o apoio da mulher e do cão, pelo que é muito provável que nada se altere radicalmente enquanto ele for Presidente. Quanto aos Democratas, estão animados com os seus novos poderes para investigar a administração até à morte, mas não vão exercer um bloqueio financeiro, pois correriam o risco de serem acusados de abandonar as tropas. O presidente Bush conseguiu perder o apoio dos americanos, apesar de o país continuar dividido. O grande mistério é saber qual será a evolução do Médio Oriente quando George Bush abandonar a Casa Branca, deixando de herança uma colossal confusão para o seu sucessor resolver.